

HUMANAS E SOCIAIS

V.8 • N.2 • Agosto/Setembro/Outubro - 2019

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2019v8n2p185-202



50 ANOS DA I FEIRA NACIONAL DE CIÊNCIAS (1969) NO BRASIL

50 YEARS OF THE FIRST NATIONAL
SCIENCE FAIR (1969) IN BRAZIL

50 AÑOS DE LA PRIMERA FERIA NACIONAL
DE CIENCIA (1969) EN BRASIL

Acesse o vídeo produzido pelo Instituto Nacional
de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia:
<https://youtu.be/EPYHKy-SXcY>

Danilo Castro Magalhães¹
Luísa Massarani²
Jessica Norberto Rocha³

RESUMO

Em 2019, comemoramos os 50 anos da primeira Feira Nacional de Ciências no Brasil. Realizada no Pavilhão de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, em setembro de 1969, o evento contou com a apresentação de trabalhos de alunos oriundos de quase todos os estados brasileiros, alta frequência de público visitante e ampla cobertura jornalística. O Ministério da Educação e a Secretaria de Ciência e Tecnologia do então Estado da Guanabara coordenaram o evento, com parcerias e patrocínios públicos e privados. Neste artigo, realizamos uma análise de 174 matérias de jornais que noticiaram a Feira na época, identificadas a partir de uma busca na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e em acervos digitais de jornais de grande circulação. Com base nesse material, trazemos informações sobre a organização, o patrocínio, os antecedentes e a realização da Feira, bem como as principais e mais recorrentes temáticas abordadas na cobertura jornalística.

PALAVRAS CHAVE

Ensino de Ciências. Feiras de Ciências. Divulgação Científica.

ABSTRACT

In 2019, we celebrate the 50th anniversary of the First National Science Fair in Brazil. Held in the Pavilion of São Cristóvão, in Rio de Janeiro, in September 1969, the event was attended by students from almost all Brazilian states and had a high number of visitors and wide journalistic coverage. The Ministry of Education and the Science and Technology Secretariat of the by then Guanabara State coordinated the event, with public and private partnerships and sponsorships. In this paper, we analyzed 174 articles from newspapers that reported the Fair at the time, identified from a search in the National Library Digital Archive and in digital collections of newspapers of great circulation. Based in this material, we bring information about the organization, sponsorship, background and realization of the Fair, as well as the main and most recurring topics covered in journalistic coverage.

KEYWORDS

Science Education. Science Fairs. Science Communication.

RESUMEN

En 2019, celebramos el 50 aniversario de la primera Feria Nacional de Ciencia en Brasil. Celebrado en el Pabellón de São Cristóvão, en Río de Janeiro, en septiembre de 1969, el evento contó con la asistencia de estudiantes de casi todos los estados brasileños, altas frecuencias de visitantes y amplia cobertura periodística. El Ministerio de Educación y la Secretaría de Ciencia y Tecnología del entonces Estado de Guanabara coordinaron el evento, con asociaciones y patrocinios públicos y privados. En este texto, analizamos 174 artículos de periódicos que informaron la Feria en ese momento, identificados en una búsqueda en el Archivo Digital de la Biblioteca Nacional y en colecciones digitales de periódicos de gran circulación. Con base en este material, traemos información sobre la organización, patrocinio, antecedentes y realización de la Feria, así como los temas principales y más recurrentes cubiertos en la cobertura periodística.

PALABRAS CLAVE

Enseñanza de las ciencias. Ferias de ciencia. Divulgación de la ciencia.

1 INTRODUÇÃO

As feiras de ciências foram desenvolvidas como atividade pedagógica na primeira metade do século XX, nos Estados Unidos, juntamente a outras iniciativas de reformulação dos métodos e conteúdos do ensino básico. Terzian (2013) retrata este processo mostrando como uma década de desenvolvimento de clubes de ciências como atividades extracurriculares das escolas resultou na realização da primeira Feira das Crianças (*The Children's Fair*), em 1928, no Museu Americano de História Natural, em Nova York. Com o sucesso do evento, as feiras se multiplicaram durante os anos de 1930.

Na década seguinte, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, a empresa de infraestrutura elétrica *Westinghouse* investiu na busca de talentos para a ciência (TERZIAN; SHAPIRO, 2013) baseada no entendimento corrente de que a segurança e a prosperidade dos Estados Unidos dependiam “da rápida expansão do conhecimento científico” (DEBOER, 2000, p. 585, tradução nossa). Com essa política, os clubes, as feiras de ciências e as competições se tornaram ainda mais presentes na vida escolar, tendo em vista o alto financiamento e investimento de recursos alocados para essa política de Estado (TERZIAN; SHAPIRO, 2013).

Em 1950, o *Science Service* (atual *Society for Science & the Public*), uma organização norte-americana de divulgação e promoção da ciência, organizou a primeira Feira Nacional de Ciências, na Filadélfia, EUA (TERZIAN, 2013). Com periodicidade anual, ela foi ampliada e, a partir de 1958⁴, ganhou caráter internacional, recebendo trabalhos de estudantes de várias partes do mundo⁵. Em 1953, a *Folha de São Paulo* relatou o processo norte-americano, salientando o papel dos jornais:

Nos Estados Unidos o “Science Service” patrocina, através dos clubes de ciência, a Feira Nacional de Ciência, que coroa as feiras regionais. Os jornais das várias regiões do país colaboram com as autoridades e os cidadãos de cada área, [...] a fim de que sejam enviados representantes condignos de cada feira regional à feira nacional, numa disputa renhida (A ALEGRIA, 1953, p. 8).

Nesse contexto, as feiras de ciência foram exportadas para outros países, como o Brasil. Como demonstram Abrantes e Azevedo (2010), o processo de promoção e reformulação do ensino de ciências iniciou em 1946 com a criação do Instituto Brasileiro de Educação Cultural e Ciências (IBECC), uma comissão brasileira da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Conjugando cientistas e educadores, o Instituto tinha a finalidade de colocar em prática a recomendação da Organização das Nações Unidas (ONU), feita logo após a Segunda Guerra, de que fossem realizados investimentos em ciência e tecnologia como estratégia de desenvolvimento nacional.

Durante anos, o IBECC promoveu uma série de atividades que influenciaram a implementação de ações de divulgação científica e ensino não formal de ciências, bem como a renovação no ensi-

⁴ Disponível em: <https://www.societyforscience.org/mission-and-history>. Acessado em: 10 jul. 2019.

⁵ Hoje ela se chama Intel International Science and Engineering Fair (Intel ISEF), tem patrocínio de uma multinacional de tecnologia sediada no Vale do Silício (EUA) e recebe trabalhos de estudantes de 75 países.

no de ciências focado no ensino experimental, como concursos científicos, cursos de capacitação aos professores de ciências, tradução e produção de material didático e kits de experimentação e promoção de clubes e feiras de ciências no ensino básico brasileiro. O IBECC teve participação fundamental na implementação dos Centros de Ciências no país, como o Centro de Ciências da Guanabara (Cecigua, atualmente Fundação Cecierj), dedicados à melhoria do ensino de ciências (NORBERTO ROCHA, 2018).

Em outubro de 1960, a seção paulista do IBECC organizou a primeira feira de ciências no Brasil, na região central de São Paulo, na Galeria Prestes Maia (TRABALHOS DE, 1969, p. 6). Nos anos seguintes, as feiras se espalharam pelo interior de São Paulo e outros estados, como Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Pernambuco, dando início ao movimento das feiras de ciências: um conjunto de ações de divulgação e organização de feiras, desenvolvido por professores de ciências, estudantes organizados em clubes de ciências, educadores e veículos de comunicação, com incentivos públicos e privados, e cooperação direta de instituições governamentais e empresas norte americanas. Em 1968, a seção do Rio de Janeiro do IBECC seguiu os passos da seção paulista e realizou, com a cooperação da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado da Guanabara (SCT), a I Mostra Estudantil da Guanabara, no Museu de Arte Moderna (MAM) (II MOSTRA, 1969, p. 14).

Uma figura notável nesse movimento foi o médico, pesquisador e divulgador científico José Reis (1907-2002), que teve um papel importante na construção da ciência brasileira (MASSARANI; BURLAMAQUI; PASSOS, 2018). Ícone da divulgação científica no Brasil, Reis, em 1948, publicou um artigo pioneiro em um dos jornais do grupo *Folha*, relatando os investimentos em ciência nos EUA e conclamando a iniciativa privada a “repetir a façanha da *Westinghouse* e fazer ressoar por todos os ginásios de todas as cidades do interior o grito de mobilização para a ciência” (REIS, 1948, p. 4).

Entre 1962 e 1967, Reis foi diretor de redação da *Folha de São Paulo*. Por conta de sua inserção no jornal, a *Folha* foi uma das principais incentivadoras das feiras, contribuindo financeiramente e cobrindo em matérias extensivamente as feiras no estado e na capital paulista. Reis também publicou, em sua coluna dominical, uma série de textos divulgando as feiras. Conhecido como o “caixeiro-viajante da ciência”, ele percorreu, em nome do jornal, várias cidades do interior de São Paulo e do Brasil, divulgando a iniciativa, seus objetivos e organização, e palestrando nas inaugurações e encerramentos das feiras (MASSARANI; BURLAMAQUI; PASSOS, 2018).

Em setembro de 1969, foi realizada a primeira Feira Nacional de Ciências (I FNC), no Rio de Janeiro. Para a história do ensino de ciências no Brasil e da divulgação científica, a realização de uma Feira Nacional representou um marco, pois deu ampla visibilidade ao processo de introdução desse tipo de atividade pedagógica na educação brasileira (cf. BRASIL, 2006; BURLAMAQUI, 2018).

Embora a Feira tenha repercutido na política educacional do país - em especial, no ensino de ciências - há pouco material publicado sobre ela. Por esta razão, este estudo aborda a realização da primeira Feira Nacional de Ciências do Brasil baseado em pesquisa documental. Desenvolvido para valorizar o processo histórico que levou à criação da primeira Feira Nacional e as demais feiras realizadas com propósitos similares, este artigo busca compreender e mapear fatores, temáticas e contextos em que o evento precursor foi implementado.

2 METODOLOGIAS

Para este estudo realizamos uma pesquisa bibliográfica e documental em fontes primárias e secundárias.

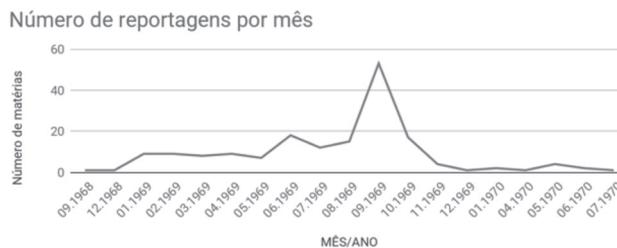
Como fontes primárias, analisamos as publicações em jornais de grande circulação na época que contêm as expressões “Feira Nacional de Ciências”, “Feira Nacional de Ciência”, “Feira de Ciências” e “Feira de Ciência” em seu conteúdo. Fizemos a busca pelas matérias jornalísticas – sendo essas as principais fontes estudadas – na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e nos acervos digitais dos jornais *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*. Como fontes secundárias – e menos utilizadas pelo limitado número de estudos realizados sobre essa temática – analisamos artigos, dissertações e teses.

A análise deste material possibilitou a seleção de temáticas específicas conforme sua recorrência e importância nas matérias analisadas. Assim, pautados na cobertura jornalística (em maior medida) e na literatura encontrada (em menor medida) sobre o tema, a seguir, trazemos as informações sobre a organização, patrocínio, antecedentes e realização da Feira, bem como as principais e mais recorrentes temáticas abordadas na cobertura jornalística.

2.1 OS JORNAIS E A DIVULGAÇÃO DA FEIRA

Foram levantadas 174 matérias, de 19 jornais - entre eles, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Diário de Notícias*, *Correio Braziliense*, *Diário de Pernambuco* - cobrindo o período de 04 de setembro de 1968, data do primeiro registro encontrado, a 26 de julho de 1970, data do último registro. Traçando sua ocorrência ao longo do tempo, encontramos a Feira presente em 19 meses nesses jornais. Em 1969, ano de realização da Feira, houve matérias em todos os meses do ano.

Gráfico 1: Cobertura jornalística das expressões relacionadas a “Feira Nacional de Ciências”, 1968-1970.



Fonte: autoria própria

Em setembro de 1969, mês da realização do evento, foram encontradas 53 matérias, sendo quatro delas presentes também nas capas dos jornais. A maioria das notícias são do estado do Rio de Janeiro (74,6%), mas houve coberturas levantadas em São Paulo (5,2%), Brasília (6,3%), Pernambuco (4,6%),

Amazonas (3,4%), Rio Grande do Sul (2,3%), Paraná (1,1%) e Santa Catarina (0,6%). A observação dos dados nos permite afirmar que a primeira Feira Nacional de Ciências obteve ampla cobertura jornalística.

Observamos que, no período entre 04 de setembro de 1968 e 23 de setembro de 1969 (dia anterior à inauguração), as matérias levantadas cobrem o processo de criação, organização e os preparativos da Feira Nacional de Ciências. Identificamos sete conjuntos temáticos entre estas reportagens: elas cobrem (1) a criação da Feira, (2) o anúncio dos organizadores, (3) o anúncio do local e da data, (4) os objetivos da Feira, (5) a formação de um “grupo de trabalho” ocupado em divulgar a Feira e seu formato organizativo, (6) as datas e procedimentos de inscrição dos trabalhos e (7) os patrocínios do evento.

O primeiro conjunto temático localiza-se no final de janeiro de 1969 e veicula a criação da I FNC por meio do Decreto n. 64058, assinado em 30 de janeiro de 1969 pelo então presidente Arthur da Costa e Silva, no Palácio Rio Negro, em Petrópolis. O decreto estipulou que a Feira seria “realizada anualmente, no Distrito Federal, na capital de um Estado brasileiro, ou de Território federal” (FEIRA NACIONAL..., 1969, p. 8). A primeira edição da Feira foi anunciada, inicialmente, para a cidade de São Paulo, provavelmente pelo histórico de feiras de ciências da cidade, já em sua nona edição. No entanto, no decreto, anunciou-se a escolha do Rio de Janeiro como sede da Primeira edição.

O segundo conjunto temático, identificado entre janeiro e fevereiro de 1969, detalha a coordenação e organização da Feira. A Feira foi coordenada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e organizada, principalmente, pela Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado da Guanabara (SCT). Para coordenação geral, foi anunciada a escolha de Maria da Glória Guimarães de Souza e Silva. A observação do material nos revela que a realização da Feira ficou personalizada na figura de algumas autoridades da época: o então secretário da SCT Arnaldo Niskier, o ministro da Educação Tarso Dutra e o governador da Guanabara Negrão de Lima, são os que aparecem com maior frequência nos jornais analisados, em meio a outras figuras. A eles são atribuídos a responsabilidade pela organização e suas falas são as que ganham maior destaque.

A terceira temática observada é referente ao local e à data da Feira. Para o local da Feira, foi escolhido o Pavilhão de São Cristóvão, na época o maior centro de exposições da cidade, atual Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. Em março de 1969, uma polêmica envolveu o local. O governo da Guanabara pretendia ceder o Pavilhão para a construção de um centro de distribuição de produtos hortigranjeiros. Segundo os jornais, Arnaldo Niskier entrevistou junto ao governador, argumentando que o Pavilhão já estava comprometido com a realização da Feira Nacional e que esse teria sido um dos principais motivos para a escolha do Rio de Janeiro e não de São Paulo para ser a sede da Primeira Feira. Aparentemente, a realização da I FNC em 1969 foi o fator crucial para a continuidade do Pavilhão de São Cristóvão como centro de exposições (SECRETÁRIOS VÃO..., 1969, p. 18).

A primeira menção a uma data específica para a realização da Feira foi feita em maio de 1969. Inicialmente, ela seria realizada durante uma semana, de 22 a 28 de agosto. Em seguida, foi transferida para o mês seguinte, de 24 a 28 de setembro.

O quarto conjunto refere-se aos objetivos de uma feira de ciências, especificamente relacionados à promoção do ensino de ciências.

Assim que a Feira começou a ser noticiada, seus objetivos e seu caráter estudantil não ficaram claros na cobertura jornalística. Inicialmente, foi anunciado que ela teria como objetivo “promover um encontro dos cientistas brasileiros para debater [os] progressos no campo da ciência” (FEIRA NACIONAL..., 1969, p. 8) e que reuniria “as figuras mais destacadas em pesquisas, nas diversas áreas culturais do país” (GOVERNO CRIA..., 1969). Analisando o material, observamos que durante o período de divulgação dos preparativos da Feira, quase não se encontra uma descrição do que seja uma feira de ciências e de como ela costuma ser realizada. Isso começa a ocorrer apenas nos dias de montagem e inauguração do evento.

Aos poucos, a relação entre a realização de uma Feira estudantil nacional e o ensino de ciências ficou mais clara, trazendo o discurso do estímulo à educação científica, especialmente pelas vozes de alguns atores da sua comissão organizadora. Segundo a coordenadora, professora Maria da Glória Guimarães de Souza e Silva, o evento era destinado “[...] a incentivar, suplementar e atualizar o estudo dos diversos ramos da ciência e da tecnologia no ensino médio” (TARSO CRIARÁ..., 1969). Para o secretário da SCT, Arnaldo Niskier, o objetivo seria “aferir o uso do método científico pelos estudantes secundários” (RIO PROMOVE..., 1969, p. 16). Para Edília Coelho Garcia, uma das organizadoras da Feira e presidente de um órgão da ditadura militar, ligado ao MEC, denominado “Comissão Nacional de Moral e Civismo”, que atuava como censor na escolha dos livros didáticos, as feiras de ciências tinham por objetivo “o aprimoramento da educação científica, com a motivação do estudante, o desenvolvimento do seu espírito criador, o treinamento dos métodos científicos e a participação da escola nesse processo” (IBECC E, 1969, p. 3). Já para Renato Almeida, presidente do IBECC:

A Feira de Ciência, estimulando o trabalho científico entre os nossos jovens estudantes de nível médio, vai contribuir decisivamente para o surgimento de novas vocações, servindo como um instrumento para a luta contra aquilo que a UNESCO chama de ‘analfabetismo científico’ (JOVENS..., 1969, p. 2).

O quinto conjunto temático desse período de preparação refere-se à formação de um “grupo de trabalho” ocupado em divulgar a Feira e seu formato organizativo. Segundo o jornal *Diário de Notícias*, a Coordenação Geral da I FNC:

organizou grupos que estão percorrendo as regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, bem como a Sul. Estes emissários levam a tarefa de prestar todos os esclarecimentos necessários sobre organização, inscrição e seleção dos projetos relativos à Feira, de modo que todos os Estados e Territórios, juntamente com o Distrito Federal, possam, de forma equitativa, concorrer com as mesmas oportunidades (FEIRA DE CIÊNCIA TEM, 1969, p. 2).

Apelidada de “projeto Rondon do nível secundário” (FEIRA NACIONAL DE CIÊNCIA MOVIMENTA, 1969, p. 2), a Feira foi descrita como oportunidade de integração nacional, promovendo “o intercâmbio de conhecimentos científicos entre os Estados” (RIO PROMOVE, p. 16, 1969).

Foi também noticiada a realização de um seminário promovido pelo IBECC-RJ junto ao Cecigua em junho de 1969, no Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino, onde se esclareceu a diretores de

colégios e professores de ciências o que era e como era uma feira de ciências, a fim de orientar a participação dos estudantes da Guanabara na I FNC (IBECC E, 1969, p. 3).

Outra temática presente refere-se à data e procedimento de inscrição dos trabalhos. Os estudantes podiam se inscrever individualmente ou em grupo, sendo que a ampla maioria optou pelo segundo formato. Os trabalhos foram selecionados de duas formas: os vencedores das Feiras Estaduais existentes na época e que foram organizadas no ano anterior estavam automaticamente classificados e as escolas puderam inscrever trabalhos de alunos, que passariam por uma avaliação dos organizadores da Feira. Foram inscritos trabalhos oriundos de quase todos os estados brasileiros, “com exceção de Mato Grosso, Rio Grande do Norte, Roraima e Amapá” (FEIRA NACIONAL DE CIÊNCIAS ABRE..., 1969). A quantidade de alunos representantes de cada estado brasileiro teria sido definida proporcionalmente ao número de estudantes das redes de ensino secundário estaduais da época (FEIRA NACIONAL DE CIÊNCIA MOVIMENTA, 1969, p. 2). Os jovens de fora do Rio de Janeiro foram alocados no Pavilhão de São Cristóvão, em colégios e casas de famílias (que receberam os estudantes após apelo dos jornais).

Um último conjunto temático de matérias menciona os patrocínios da Feira. Segundo as fontes jornalísticas, o MEC liberou, por meio de um decreto, um crédito especial de 122 mil cruzeiros novos (o que equivaleria algo em torno de 1.366.588 de reais em 2019) para atender às despesas necessárias à realização da FNC (NOVOS ATOS, 1969). A Feira também recebeu ajuda financeira da Petrobrás, das secretarias de Educação de outros estados e da Fundação Rockefeller (FEIRA NACIONAL DE CIÊNCIA MOVIMENTA, 1969, p.2).

As matérias analisadas evidenciam, assim, um processo longo de organização e mobilização de estudantes, professores, autoridades e instituições no sentido de promover o evento.

2.2 A REALIZAÇÃO DA FEIRA

Entre os dias 23 de setembro e 30 de setembro de 1969, o conjunto de matérias levantadas cobrem a chegada dos alunos de outros estados, a montagem dos trabalhos que seriam expostos, a inauguração, a realização e a solenidade de encerramento da Feira Nacional.

Na quarta-feira, 24 de setembro, houve uma cerimônia de inauguração, caracterizada “pela grande beleza cênica e pelo caráter saudável dos jovens em seus jalecos brancos” (SEXO É TEMA..., 1969, p. 7). O Pavilhão foi enfeitado com bandeiras dos estados brasileiros e uma banda militar se apresentou (*Idem*). Composto uma “Comissão de Honra”, estiveram presentes à cerimônia de inauguração o Ministro da Educação Tarso Dutra, a primeira-dama Iolanda Costa e Silva, o Governador da Guanabara Negrão de Lima, o físico César Lattes e o médico sanitário Carlos Chagas (RIO PROMOVE, 1969, p. 16). O Secretário de C&T da Guanabara também esteve presente.

Com entrada franca, os trabalhos estiveram expostos ao público diariamente, das 14 às 21 horas, em estandes de dois metros montados para o evento e divididos por biombos de compensado, ocupando um total de 12 mil metros quadrados (MINISTRO INAUGUROU..., 1969, p. 3).

Na Feira, os estudantes se apresentaram como representantes de seus estados e cada conjunto de estandes carregava uma bandeira de um estado brasileiro. Essa representatividade também

aparece nos jornais de fora do Rio de Janeiro. Enquanto os jornais locais apresentam os alunos como representantes de suas escolas, os outros jornais os apresentam como representantes do estado de origem. A “delegação” paulista ganhou destaque na imprensa pelo número de alunos, pela qualidade dos trabalhos e pela organização do grupo, acompanhado por dezenas de professores (SEXO É TEMA..., 1969, p. 7).

Os números sobre trabalhos apresentados e alunos inscritos divergem enormemente quando comparadas as fontes primárias e secundárias. Enquanto o Programa Nacional de Apoio a Feiras de Ciências (Fenaceb), em seu levantamento histórico, menciona a apresentação de 1.633 trabalhos de 4.079 alunos (BRASIL, 2006), os números publicados pela imprensa da época contabilizam entre 1.230 e 2.085 trabalhos, de 1.500 a 3.701 alunos. O público visitante teria sido de 70 mil pessoas, segundo a única matéria que menciona o dado (FEIRA DE CIÊNCIAS SERÁ..., 1969, p. 5).

Muitas notícias do período de realização da Feira focam nos “cientistas-mirins”, “mini-cientistas” ou “jovens-cientistas”, ressaltando seu talento, sua empolgação e desejo de aprender mais. Estes são descritos como corajosos, esforçados, preocupados, competitivos, inteligentes, ousados, “patrícios”, minigênios, criativos e nacionalistas. Nota-se, nessa imagem de um cientista em formação, uma outra, a do próprio cientista, como alguém talentoso, genial, questionador, competitivo e interessado no progresso nacional. Também é possível analisar, pelo contexto da época das matérias, que parte das categorias associadas aos estudantes tem a intenção de se contrapor aos estudantes considerados “subversivos”, que manifestavam em oposição ao regime militar.

Os jornais descrevem minuciosamente alguns dos trabalhos apresentados; explicam o percurso das pesquisas, sua aplicabilidade e os objetos de exposição: cartazes, painéis, ilustrações, maquetes e aparelhos. Nos trabalhos apresentados pela imprensa, observamos a recorrência da palavra “moderno” e a atenção aos “aparelhos avançados”. Os estudantes, quando entrevistados, o foram para explicar os trabalhos que mais se destacam aos olhos dos jornalistas: um carro montado pelos alunos, um levantamento sobre insetos, um projeto retratando a chegada do homem à Lua (ocorrida apenas dois meses antes da Feira), um com experiências de transplantes em sapos, um radiotelescópio, uma apresentação de educação sexual, entre outros. Os professores, que orientaram os trabalhos, pouco são mencionados.

Além dos estandes dos alunos, houve outros com exposições científicas e tecnológicas de instituições nacionais, como os da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), do Instituto Militar de Engenharia (IME), da Força Aérea Brasileira (FAB), do Banco Nacional de Habitação (BNH), da Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) (FEIRA DE CIÊNCIAS É INAUGURADA..., 1969, p. 12).

No domingo, 28 de setembro de 1969, houve uma cerimônia de encerramento, novamente com presença de autoridades, discursos e entregas de premiações e menções honrosas (FEIRA DE CIÊNCIAS SERÁ..., 1969, p. 5).

2.3 PREMIAÇÃO E COMPETITIVIDADE

Um dos elementos mais recorrentes nas matérias analisadas é a competitividade entre os alunos. A ampla maioria delas mencionam a existência de prêmios e menções honrosas aos estudantes com os “melho-

res” ou “mais destacados” trabalhos. Em quantidade significativa das reportagens, as palavras “competição” ou “competitividade” estão presentes. Isto se dá, provavelmente, pelo fato de o evento ter sido anunciado, inicialmente, como “destinado a suscitar competição entre estudantes de ciclo médio de todas as unidades da Federação, para o incremento de estudos científicos” (153 MILHÕES..., 1969, p. 9). Além disso, o léxico das reportagens utiliza expressões ligadas à ideia de competição, como “concorrentes”, “classificados”, “julgamento”, “colocações”, “premiados”, para citar alguns exemplos. Notamos, assim, que a Feira foi apresentada como uma espécie de torneio e os estudantes convocados a se engajar como competidores⁶.

Algumas das matérias mencionam a formação de “Comissões Julgadoras” da Feira, responsáveis por avaliar os trabalhos. Compostas por personalidades ligadas à educação e às ciências, as Comissões foram divididas em sete “modalidades” de premiação: “matemática, ciências físicas e naturais, física, geociências, biologia e ciências humanas” (RIO INAUGURA..., 1969, p. 6). As Comissões foram presididas pelo professor e ex-governador do Amazonas Arthur Cezar Ferreira Reis e mais 28 membros (FEIRA DE CIÊNCIAS SERÁ..., 1969, p. 5). Os critérios para seleção dos vencedores teriam sido “a criatividade, o espírito científico, os conhecimentos científicos, verificados por meio de uma entrevista com o chefe da equipe, e a habilidade manual e apresentação do projeto” (NA FEIRA, O..., 1969, p. 5).

Observamos que os prêmios anunciados estão diretamente vinculados pelos jornais à forma de estimular o engajamento dos jovens na Feira. De janeiro ao final de setembro de 1969, os jornais anunciaram diferentes prêmios, sendo o mais cobiçado uma passagem para o vencedor e seus acompanhantes para participação na XXI Feira Internacional de Ciências, no ano seguinte, em Maryland, nos EUA – oferecidas pela pintora e educadora Paulina Kaz e pela Comissão de Energia Atômica dos EUA (SEXO É TEMA..., 1969, p. 7)⁷. Outros prêmios foram divulgados, como laboratórios portáteis; microscópios, amplificadores e niveladores automáticos (ABERTA FEIRA..., 1969, p. 9); setenta bolsas de estudo, pelo SENAI; vinte bolsas de estudo de inglês; coleções de uma Enciclopédia de Educação; bolsas para estudo sobre petróleo (COMEÇA HOJE..., 1969, p. 5); viagens a Israel, à França, à Ilha da Trindade (ES) e à Amazônia; entre outros. A Petrobras teria oferecido um destilador primário de petróleo (I FEIRA NACIONAL DE CIÊNCIA ENCERRA-SE..., 1969, p. 24) e a empresa petrolífera Shell teria entregue o “Prêmio Shell”, constituído de instrumentos para a “montagem de um laboratório de pesquisas” (PRÊMIO EM..., 1969, p. 7).

O “grande vencedor”, contemplado com a viagem à Feira Internacional nos EUA, teria sido um jovem de Niterói, Rio de Janeiro, filho de um industrial polonês, inventor de um elipsógrafo, um aparelho demonstrador de elipses (ALEXANDRE, 1970).

2.4. AS FEIRAS DE SÃO PAULO COMO INSPIRAÇÃO

Observamos que em muitas das matérias levantadas os antecedentes da Feira Nacional estão presentes, como forma de contextualizá-la. Estes são veiculados por meio das falas de pessoas en-

6 Tendência que ainda se verifica, por exemplo, nas Feiras Internacionais nos EUA, nas quais se oferece aos participantes um futuro de prestígio e uma sólida carreira científica, como demonstra Byko (2004).

7 Com a premiação de uma viagem aos EUA para participação na Feira Internacional de Ciências, objetivava-se transformar a Feira Nacional de Ciências brasileira numa etapa da Feira Internacional americana.

volvidas na criação e organização da Feira, que fizeram questão de ressaltar a iniciativa em curso em São Paulo como principal fonte de inspiração.

No final de 1968, o vice-presidente do Brasil, Pedro Aleixo, esteve presente à inauguração da Feira de Ciências de Marília, no interior de São Paulo. “Muito bem impressionado com a promoção” (ESTÍMULO..., 1969, p. 6), Aleixo teria levado ao marechal Costa e Silva a sugestão de criação de uma Feira Nacional.

Outras notícias indicam a mesma inspiração causada pelas feiras do Estado de São Paulo. Em 29 de junho, o jornal *Diário de Notícias* publicou que o ministro Tarso Dutra visitou a IX Feira de Ciências de São Paulo, organizada pelo IBECC-SP, que teve caráter preliminar para a I FNC (FEIRA DE CIÊNCIA TEM..., 1969, p. 2). Renato Almeida, presidente do IBECC, comenta que:

A ideia de organizar uma Feira de Ciência, com a participação da mocidade, nasceu da Comissão Paulista do IBECC, que já realiza há dez anos, apresentando Feiras na Capital paulista e no interior do Estado (JOVENS..., 1969, p. 2).

Na mesma matéria, Almeida ainda menciona como a criação da I FNC deu “realce à iniciativa [das feiras de ciências no ensino básico], que assim ganhou amplitude nacional” (JOVENS..., 1969, p. 2).

Edília Coelho Garcia corrobora a inspiração, segundo matéria veiculada no jornal *Correio da Manhã*:

a experiência levada a efeito pelo IBECC, promovendo as feiras de ciências, como faz a Seção de São Paulo há oito anos seguidos e a da Guanabara há dois anos, em colaboração com o CECIGUA, e que inspiraram a Feira Nacional de Ciência coordenada pelo MEC, produziram um resultado admirável nos jovens, despertando-lhes o sentido da pesquisa e dos trabalhos nos campos científicos (A GUANABARA..., 1969, p. 9).

Em artigo publicado na sua coluna semanal no jornal *Folha de São Paulo* em 11 de maio de 1969, José Reis comenta a criação da Feira Nacional. Nele, Reis registra sua “alegria” ao ver “o movimento das feiras de ciência tornar-se nacional” (REIS, 1969). Segundo ele, a notícia:

é sem dúvida reconhecimento do valor do trabalho que nesse campo foi desenvolvido em São Paulo pela ação espontânea de professores e alunos, apoiados pelo IBECC - seção de São Paulo, por este jornal [*Folha de São Paulo*] e por muitas instituições públicas e particulares (*Idem*).

2.5. NACIONALISMO E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO: A FEIRA NACIONAL COMO ETAPA NO DESENVOLVIMENTO NACIONAL

A narrativa encontrada nas matérias transmite um otimismo na ciência e na tecnologia e enfatiza a associação entre avanço tecnocientífico e progresso nacional. A Feira Nacional seria, além de um estímulo à educação científica e à descoberta de novos cientistas, também uma prova de que o país progride e uma etapa importante no desenvolvimento tecnológico brasileiro.

No início de fevereiro, o editorial do jornal *Diário de Notícias* resumiu a maneira como a criação da Feira foi recebida:

um surto renovador percorre, inegavelmente, as lideranças governamentais, as escolas e largos setores da iniciativa particular. O tempo é da ciência, da pesquisa, da técnica e, ou se a persegue, ou se fica para trás, comprando *know-how* e marcando passo entre os subdesenvolvidos. [...] Necessitamos, dadas as nossas características, de grandes contingentes de cientistas. [...] Temos que formá-los incessantemente. [...] A Feira é um novo *front* aberto aos analistas, aos observadores, aos que trocam a praça pelo laboratório, o livro pelo microscópio. Pode resultar em grandes vantagens para o País (INCENTIVO, 1969, p. 4).

O otimismo e o nacionalismo estão presentes ao longo das matérias levantadas, ficando cada vez mais constantes à medida que se aproxima a inauguração do evento. Nas falas das autoridades presentes nas cerimônias de inauguração e encerramento, essa perspectiva transparece. Negrão de Lima, na abertura da Feira, teria dito que “o Brasil já despertou definitivamente para a era da tecnologia e vai realizar o seu destino de país desenvolvido, num audacioso passo em direção ao futuro” (MINISTRO INAUGUROU A..., 1969).

Tarso Dutra, também na inauguração, reforçou o sentimento:

dando oportunidade aos moços de todo o país para exibir sua capacidade criadora, [a Feira] é uma nítida demonstração do interesse do Governo da República pelo aproveitamento mais adequado das inteligências e uma oportunidade excepcional para seu encaminhamento a programas que as incentivem em favor do processo desenvolvimentista nacional (MINISTRO INAUGUROU A..., 1969).

Tarso Dutra, novamente presente, afirmou que a Feira, além de exitosa, teria sido uma “afirmação do sentimento de unidade nacional” (I FEIRA NACIONAL DE CIÊNCIA ENCERRA-SE..., 1969, p. 24).

Renato Almeida, ao ser entrevistado depois do evento, manteve o tom:

A I Feira Nacional de Ciências demonstrou, de modo inequívoco, o interesse das novas gerações em participar no processo de desenvolvimento tecnológico que se vem registrando no País, pela qualidade dos trabalhos e o elevado índice de conhecimentos revelados pelos alunos participantes (JOVENS..., 1969, p. 2).

José Reis, em comentário à criação da Feira Nacional, expõe o mesmo pensamento quando aponta que o movimento de feiras de ciências teve como um dos objetivos “servir o país numa de suas mais importantes frentes, que é a da mobilização da ciência e da educação para o desenvolvimento” (REIS, 1969).

Há uma lógica presente nas matérias que liga, numa continuidade linear, os elementos Feira de Ciências, estímulo ao ensino de ciências, ampliação da comunidade científica, avanço tecnocientífico e desenvolvimento nacional. Esta lógica fica bem exemplificada na fala dos organizadores da Feira, segundo reportagem do *Estado de São Paulo*:

Segundo seus organizadores, a Feira de Ciências tem como principal objetivo estimular nos jovens estudantes do nível médio o gosto pela ciência e tecnologia, atendendo, assim,

às necessidades nacionais na luta pelo desenvolvimento, que somente será conseguido com a preparação de técnicos (RIO INAUGURA..., 1969, p. 6).

Assim, pela maneira como a Feira Nacional foi veiculada nos jornais e pelo conteúdo das falas das autoridades competentes, é possível constatar que ela se inseriu no contexto da década de 1960 de acelerados avanços científicos e otimismo tecnocientífico e que serviu como ilustração de um projeto específico de país, propagado pelo regime militar: um país que estaria acompanhando este desenvolvimento pautado em ciência e tecnologia.

2.6 REPERCUSSÕES E CONTINUIDADE

As matérias analisadas apresentam como repercussões imediatas da Feira a celebração dos alunos premiados. Na busca nas fontes jornalísticas, encontramos que jornais fora da região sudeste, como o *Correio Braziliense* e o *Diário de Pernambuco*, celebraram os alunos premiados de seus estados como prova do desenvolvimento local. As escolas participantes que tiveram alunos premiados veicularam propagandas da premiação na FNC como provas de qualidade do ensino.

Em 1970, os jornais consultados registraram o envio de quatro dos trabalhos premiados na I FNC à Feira Mundial de Inventores Escolares no Japão, onde foram expostos. Seus autores, no entanto, não foram contemplados com a viagem. Também em 1970, os jornais registram a ida do “grande vencedor” da Feira aos EUA e seu retorno.

Contudo, apesar das mencionadas, foram poucas as matérias encontradas sobre o que aconteceu pós-feira e sua repercussão. O Editorial do jornal *Correio da Manhã*, de 23 de novembro de 1969, pouco menos de dois meses depois da realização da Feira, é o único comentário encontrado sobre continuidades da Feira. Intitulado “Mini cientista é uma necessidade”, lamenta o que seria uma oportunidade desperdiçada:

A feira revelou os mini-cientistas, com trabalhos de maior importância e interesse, que revelaram excepcional dom científico. Festas e cerimônias foram realizadas, prêmios foram dados, medalhas, hinos, aplausos, fotografias em jornais, entrevistas no rádio e na televisão. Os mini-cientistas foram aplaudidos e estimulados. E depois.... O vazio, o talento apagado, morto, estratificado, voltado para o cotidiano, para o banal, para a rotina, para o comum. Em cada mil pessoas há um com talento para a ciência, dizem os próprios cientistas. O difícil é selecionar, encontrar, estimular. A Feira Nacional de Ciências revelou centenas de jovens com talento para a ciência e nada foi feito para o aproveitamento desses talentos para estimular essa continuidade de investigação (MINI CIENTISTA..., 1969, p. 14).

Na busca em fontes primárias e secundárias, o que encontramos é que a iniciativa da realização de feiras estudantis nacionais de ciências não teve continuidade imediata. Houve uma movimentação para que a segunda edição da Feira fosse realizada em 1970, em São Paulo (FEIRA DE CIÊNCIAS SERÁ..., 1969, p.5), mas, por fim, decidiu-se por Salvador, na Bahia. Entretanto esta edição foi suspensa e transferida para o ano seguinte, em Recife, Pernambuco. Contudo, esta edição também

não ocorreu. Em 1975, chegou a ser anunciada uma Feira Nacional de Ciências no Espírito Santo, mas tampouco se concretizou. Não há, por enquanto, indícios claros que apontem a razão para que essas tentativas de novas edições de feiras nacionais não terem ocorrido. No entanto, é importante lembrar que nossas fontes primárias são jornais e a ausência de matérias jornalísticas não é sinônimo de inexistência de ações.

Identificamos, também, que na região sul do país, as feiras de ciências obtiveram grande repercussão (cf. MANCUSO, 1993) e algumas, organizadas pelas prefeituras locais e pelos Centros de Ciências ligados ao IBECC, passaram a receber trabalhos de alunos de outros estados e a se declarar nacionais, mas seu alcance era limitado. Um exemplo foi a Feira de Ciências de Maringá, no Paraná, em 1972, autointitulada I Feira Nacional de Ciências (I FENACI).

Na década de 1980, houve novas tentativas de se recriar as Feiras Nacionais. Em 1984, teria ocorrido uma II Feira Nacional de Ciências, na cidade de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul. Outras Feiras Nacionais foram realizadas em 1986, 1990, 1991 e 1992, todas no Rio Grande do Sul, 1995 e 1996, no Mato Grosso e 1997, em Roraima, segundo indica o Projeto Fenaceb (BRASIL, 2006, p. 33-34).

Em 2005, o Ministério da Educação resgatou este percurso e lançou o Programa Nacional de Apoio às Feiras de Ciência da Educação Básica (FENACEB), com “o objetivo de estimular e apoiar a realização de eventos de natureza de divulgação científica, como feiras e mostras de ciências” (BRASIL, 2006, p. 7). Através deste Programa, foram recriadas de maneira sistemática e anual as Feiras Nacionais de Ciências do Ensino Básico. Segundo o documento de lançamento do Programa, as feiras de ciências “são conhecidas como uma atividade pedagógica e cultural com elevado potencial motivador do ensino e da prática científica no ambiente escolar” e “vêm constituindo uma oportunidade de aprendizagem e de entendimento sobre as etapas de construção do conhecimento científico” (*Idem*). Socializar-se nessa “cultura científica” (*Idem*), ainda segundo o documento, tornou-se fundamental “diante da crescente importância que têm adquirido a ciência e a tecnologia para o desenvolvimento das sociedades contemporâneas” e imprescindível “para compreensão da vida cotidiana, desenvolvimento do pensamento autônomo e inserção crítica na sociedade” (*Idem*).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise do conteúdo e da distribuição das matérias no tempo, foi possível constatar que os jornais se engajaram ativamente na divulgação da I Feira Nacional de Ciências, não apenas como forma de estimular a inscrição de alunos e atrair o público visitante, mas também por concordarem com a importância que a ela era atribuída.

Observamos que os jornais celebraram a realização da Feira, cobrindo todo o processo de criação, planejamento e organização do evento. As matérias enfatizaram o caráter competitivo da Feira, como forma de engajar os estudantes. Elas também cobriram os trabalhos, os jovens talentos e as autoridades presentes, veiculando otimismo em relação aos resultados da realização de uma Feira Nacional e apresentando esses resultados numa lógica encadeada: a Feira seria um estímulo à ciência e ao

ensino de ciências, que seriam uma forma de promoção do desenvolvimento tecnológico do país, o que teria como resultado a longo prazo o desenvolvimento nacional.

Por meio da análise da cobertura jornalística da Feira, foi possível contextualizá-la em meio ao otimismo tecnocientífico da década de 1960, a um movimento de feiras de ciências, às tendências de reformulação da educação e do ensino de ciências e ao projeto de país da Ditadura Militar no Brasil.

Ressaltamos que, diante da lacuna existente sobre a Feira na literatura especializada, o levantamento das matérias de jornal da época permite uma primeira aproximação mais detalhada sobre a Feira de 1969 e o levantamento de novas questões que possam servir a estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- I FEIRA NACIONAL DE CIÊNCIA ENCERRA-SE com êxito total. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 24, 28 set. 1969.
- II MOSTRA. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 14, 2 jul. 1969.
- A ALEGRIA de aprender, fazendo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 8, 6 dezes, 1953.
- A GUANABARA na Feira de Ciências, **Correio da Manhã**, p. 9, 23 sets 1969.
- ABRANTES, A. C. S. de; AZEVEDO, N. O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e a institucionalização da ciência no Brasil, 1946-1966. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, v. 5, n. 2, p. 469-489, maio-ago, 2010.
- ALEXANDRE, José Gutterman, o garoto que calculava. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 07 jun. 1970.
- BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. **Programa Nacional de Apoio às Feiras de Ciências da Educação Básica**. 84 p. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EnsMed/fenaceb.pdf> Acesso em: 18 de jun. de 2019.
- BURLAMAQUI, Mariana Mello. **Escritos de um caixeiro-viajante das ciências – As publicações de José Reis no Grupo Folha (1947 – 2002)**. Rio de Janeiro, 2018. Tese (Doutorado em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- BYKO, Maureen. **Kid Geniuses: fame, fortune and science fairs**. Pittsburgh: JOM, september, 2004.
- CIÊNCIA VAI ter certame, **Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 16, 4 set. 1968
- COMEÇA HOJE em São Cristóvão a Feira Nacional de Ciências. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 5, 24 set. 1969.

DEBOER, G. Scientific literacy: another look at its historical and contemporary meanings and its relationship to science education reform. **Journal of Research in Science Teaching**, v. 37, n. 6, p. 582-601, 2000.

FEIRA DE CIÊNCIA INAUGURADA no Pavilhão de São Cristóvão. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 5, 25 set. 1969.

FEIRA DE CIÊNCIA TEM inscrições até agosto. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 2, 3 seção, 29 jun. 1969.

FEIRA DE CIÊNCIAS SERÁ encerrada hoje. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p.5, 28 set. 1969.

FEIRA NACIONAL DE CIÊNCIA MOVIMENTA jovens no país. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 2, 22 ago. 1969.

FEIRA NACIONAL DE CIÊNCIAS ABRE hoje com trabalhos de 4 mil estudantes secundários. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 set. 1969.

FEIRA NACIONAL de Ciências vai começar no Rio. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 8, 31 jan. 1969.

GOVERNO CRIA Feira de Ciências. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 31 jan. 1969.

IBECC E colégios preparam-se para a Feira Nacional de Ciências. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 3, 2º caderno, 17 jun. 1969.

JOVENS interessados na Feira de Ciência. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 2, 2 out. 1969

MASSARANI, Luisa; BURLAMAQUI, Mariana; PASSOS, Juliana. **José Reis: caixeiro-viajante da ciência**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2018.

MINISTRO INAUGUROU A I Feira de Ciência. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 25 set. 1969.

NORBERTO ROCHA, Jessica. **Museus e centros de ciências itinerantes: análise das exposições na perspectiva da Alfabetização Científica**. 2018. 449p.Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

NOVOS ATOS incluem a Previdência. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 6 set. 1969.

PRÊMIO EM química. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 7, 7 out. 1969.

REIS, José. Em busca do talento científico. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 4, 26 jul. 1948.

- REIS, José. Teremos Feiras de Ciências Nacionais. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 mai. 1969.
- RIO PROMOVE em setembro a I Feira Nacional de Ciência. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 16, 6 ago. 1969.
- RIO INAUGURA a Feira de Ciências. **O Estado de São Paulo**, Rio de Janeiro, p. 6, 24 set. 1969.
- SECRETÁRIOS VÃO a Negrão com editorial de O Globo. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 18, 13 mar 1969.
- MANCUSO, Ronaldo. **A Evolução do Programa de Feiras de Ciências do Rio Grande do Sul: avaliação tradicional e avaliação participativa**. Dissertação de mestrado - Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.
- MINI CIENTISTA é uma necessidade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 14, 23 nov. 1969.
- SEXO É TEMA paulista em Feira do Rio. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 7, 25 set. 1969.
- TARSO CRIARÁ hoje grupo de trabalho que organizará a Feira Nacional de Ciências. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 12 fev. 1969.
- TERZIAN, S.G.; SHAPIRO, L. Corporate science education: Westinghouse and the value of science in mid-twentieth century America. **Public Understanding of Science**, 2013, 24(2), p.147-146.
- TERZIAN, S.G. **Science Education and Citizenship: Fairs, Clubs, and Talent Searches for American Youth, 1918–1958**. Palgrave Macmillan, New York, USA, 2013. XIV + 235p.
- TRABALHOS DE estudantes em Feira de Ciências. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 6, 8 abr. 1960.
- US\$153 milhões para o MEC. **Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 5, 31 jan. 1969.

Recebido em: 18 de Julho de 2019

Avaliado em: 6 de Agosto de 2019

Aceito em: 7 de Agosto de 2019



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Bolsista do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia. Mestre em Antropologia Social (UFRJ). Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Av. Brasil, 4365 CEP: 21040-900 - Manguinhos, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: danilomagalhaes@protonmail.com

2 Coordenadora do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia e do Mestrado de Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, Brasil. Doutora em Educação, Gestão e Difusão pelo Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista Produtividade do CNPq 1C. Cientista do Nosso Estado da Faperj. Av. Brasil, 4365 CEP: 21040-900 - Manguinhos, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Fone: (21) 3865-2234. E-mail luisa.massarani6@gmail.com

3 Divulgadora Científica da Fundação Cecierj, professora do Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde e da Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência da Fiocruz e da Especialização em Ensino de Ciências: ênfase em Química e Biologia IFRJ/Maracanã. Pesquisadora do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia. Doutora em Educação/Ensino de Ciências e Matemática (USP). Prédio da Central do Brasil, 6 andar, sl. 620, Centro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Fone: (21) 23341538. E-mail: jessicanorberto@yahoo.com.br



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhaigual CC BY-SA

